

Contemporânea
Contemporary Journal
Vol.4 No.2: 01-18, 2024
ISSN: 2447-0961

Artigo

LINGUAGEM AUDIOVISUAL E HIPERMÍDIA: EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DAS TEXTURAS SONORAS NA PRODUÇÃO PARTILHADA DO CONHECIMENTO

AUDIOVISUAL LANGUAGE AND HYPERMEDIA: AESTHETIC EXPERIENCE OF SOUND TEXTURES IN THE SHARED PRODUCTION OF KNOWLEDGE

LENGUAJE AUDIOVISUAL E HIPERMEDIA: EXPERIENCIA ESTÉTICA DE TEXTURAS SONORAS EN LA PRODUCCIÓN COMPARTIDA DE CONOCIMIENTOS

DOI: 10.56083/RCV4N2-128
Originals received: 01/02/2024
Acceptance for publication: 02/16/2024

Jonathas Beck Ramos

Doutor em Humanidades
Instituição: Universidade Anhembi Morumbi
Endereço: Rua Dr. Almeida Lima, 1134, Mooca - SP
E-mail: jonathas.beck@gmail.com

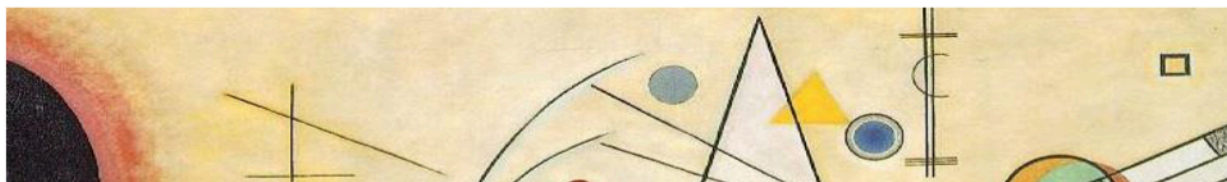
Sérgio Bairon

Doutor em Comunicação
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)
Endereço: Avenida Doutor Arnaldo, 715, São Paulo - SP
E-mail: sbairon@gmail.com

Valdemar Siqueira Filho

Doutor em Comunicação
Instituição: Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
Endereço: Av. Francisco Mota, 572, Costa e Silva Mossoró - RN
E-mail: dema@ufersa.edu.br

RESUMO: O artigo estabelece reflexões acerca da cultura audiovisual e hipermediática na perspectiva do conceito de produção partilhada do conhecimento, compreendida como processos de apropriação e tradução de linguagens e performances culturais em contextos populares de produção



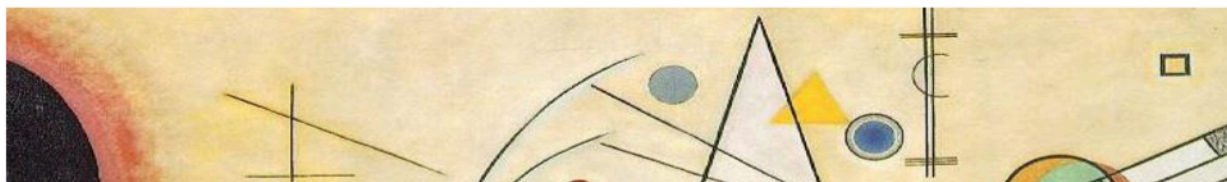
estética. Nosso objetivo foi sistematizar por meio de uma hipermídia o processo de captação de imagens durante manifestações de rituais de Coroação de Reis Congo, realizadas pelos pesquisadores Sérgio Bairon e José da Silva Ribeiro nos anos noventa, no sertão do norte de Minas Gerais. Como abordagem metodológica, utilizamos os conceitos de cultura popular e tradução cultural que seguem o percurso histórico da Semana de Arte de 1922, completando neste ano seu centenário, que proponha a relação entre o campo popular e a apropriação tecnológica, a partir da parceria entre Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Como resultados, apontamos a abertura da produção cultural para o uso das novas tecnologias, a criação de laços de cooperação e afetividade mediadas pela ética participativa e a necessidade de investimentos em produções culturais e educativas para um novo tipo de conhecimento que seja mais generoso e inclusivo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Audiovisual, Experiência Estética, Produção Partilhada do Conhecimento, Texturas Sonoras.

ABSTRACT: The article establishes reflections on audiovisual and hypermedia culture from the perspective of the concept of shared production of knowledge, understood as processes of appropriation and translation of languages and cultural performances in popular contexts of aesthetic production. Our objective was to systematize, through hypermedia, the process of capturing images during ritual demonstrations of the Coronation of Kings Congo, carried out by researchers Sérgio Bairon and José da Silva Ribeiro in the nineties, in the backlands of northern Minas Gerais. As a methodological approach, we use the concepts of popular culture and cultural translation that follow the historical path of the 1922 Art Week, completing its centenary this year, which proposes the relationship between the popular field and technological appropriation, based on the partnership between Mário de Andrade and Oswald de Andrade. As results, we point out the opening of cultural production to the use of new technologies, the creation of bonds of cooperation and affection mediated by participatory ethics and the need for investments in cultural and educational productions for a new type of knowledge that is more generous and inclusive.

KEYWORDS: Audiovisual Communication, Aesthetic Experience, Shared Production of Knowledge, Sound Textures.

RESUMEN: El artículo establece reflexiones sobre la cultura audiovisual e hipermedia desde la perspectiva del concepto de producción compartida de conocimiento, entendido como procesos de apropiación y traducción de lenguajes y performances culturales en contextos populares de producción estética. Nuestro objetivo fue sistematizar, por medio de la hipermedia, el proceso de captura de imágenes durante las manifestaciones de los rituales



de Coronación de los Reyes del Congo, llevados a cabo por los investigadores Sérgio Bairon y José da Silva Ribeiro durante los años noventa, en el interior del norte de Minas Gerais. Como enfoque metodológico, utilizamos los conceptos de cultura popular y traducción cultural que siguen el recorrido histórico de la Semana del Arte de 1922, completando este año su centenario, que propone la relación entre el campo popular y la apropiación tecnológica, a partir de la asociación entre Mário de Andrade y Oswald de Andrade. Como resultados, señalamos la apertura de la producción cultural al uso de las nuevas tecnologías, la creación de vínculos de cooperación y afectividad mediados por la ética participativa y la necesidad de inversiones en producciones culturales y educativas para un nuevo tipo de conocimiento más generoso e inclusivo.

PALABRAS CLAVE: Comunicación Audiovisual, Experiencia Estética, Producción Compartida De Conocimientos, Texturas Sonoras.

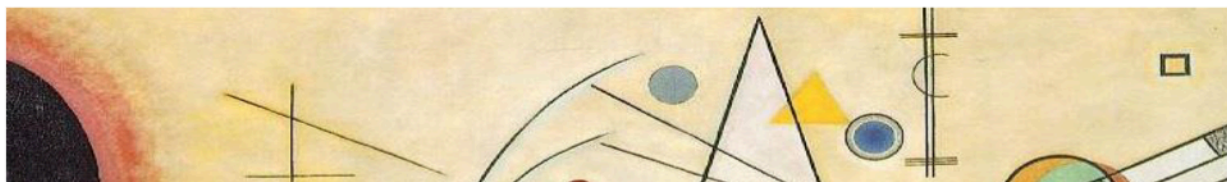


Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. Introdução

O avanço tecnológico apresenta inúmeros desafios, entre tantos as questões éticas, as questões sobre o conhecimento inter/multi/transdisciplinar e, para nosso ponto de vista, uma questão estratégica que é a democratização desses meios para o campo da cultura popular. Compartilhar conhecimentos e procedimentos a partir da estrutura social e acadêmica que perfazem nosso universo da ação, nos parece ao mesmo tempo, imperiosos e complexos, no sentido das dificuldades e barreiras que se apresentam para qualquer forma de diálogo produtivo que acolha um projeto amplo e generoso contra a história de exclusão cultural em nosso país.

Ao valorizar aspectos da “experiência vivida” (MAFFESOLI, 1998) e as implicações que tais experiências trazem consigo, o filósofo abre um leque de definições importantes, porém negligenciadas na ciência. Defende assim,



por exemplo, a importância de resgatarmos junto ao pensar, o *sentir*. Sugere que reencontremos nas reflexões filosóficas e nas proposições teóricas, discussões que reintegrem o *senso comum*, a *vida cotidiana*, a *vivência*; e a ponte entre arte e ciência; razão e sensibilidade. Um reencontro a ser levado adiante nas práticas de produção de conhecimento.

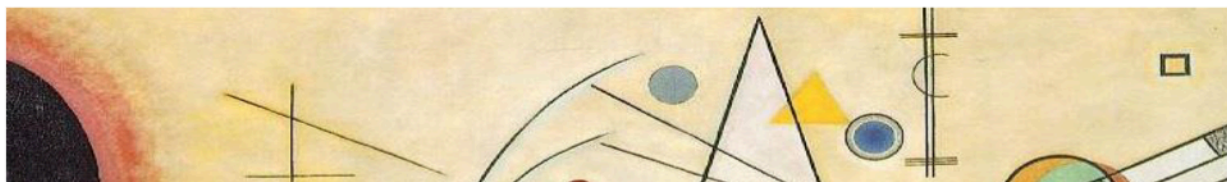
"É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida. A abstração não entra em jogo quando o que prevalece é o fervilhar de um novo nascimento. É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as da sensibilidade." (*ibid.* p. 27).

Partindo da impossibilidade de compreensão entre uma perspectiva racionalizante frente outras mais sensíveis em uma relação apenas dicotômica, buscamos uma abordagem complexa, que se dobra no plano da ação, dos procedimentos metodológicos que materializam e sistematizam elementos de partilhamento, de trocas e de fortalecimento de identidades, nas experiências vividas pelas ações compartilhadas e pela apropriação da tecnologia.

2. Referencial Teórico

Das muitas colocações de nosso interesse que Maffesoli aborda, interessa-nos primeiramente o prisma que justifica nossa proposição em *comunicação audiovisual*, a discussão crítica sobre a segregação histórica entre arte e ciência, que para o autor está na consequência entre os pares opositivos: razão e sensibilidade, em uma jornada linear, das ciências humanas ao seguirem os rastros das ciências "duras".

"[...] era certamente necessário fazer da arte e da ciência "objetos" bem separados: aquela para os sentimentos, esta para a razão, e isso em todos os domínios. As ciências "duras" haviam mostrado o caminho, as ciências humanas deviam segui-lo. Raros foram aqueles



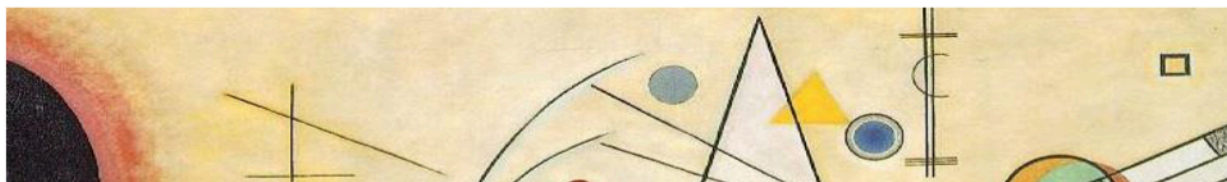
que tentaram transgredir tal fronteira; quando o faziam, os riscos e perigos corriam por sua própria conta." (MAFFESOLI, 1998, p. 43)

Entendemos que este risco estaria contido apenas no espaço acadêmico, pois mesmo nele e principalmente fora dele, as relações contraditórias, opositivas, enfim, não lineares, sempre foram bem acolhidas no campo da cultura popular e por aqueles que com ela estabelecem seus compromissos, ou seja, apenas para a cultura da universidade, pautada no paradigma da simplificação defendido pelas ciências duras, a partir do século XVI com o cartesianismo, a contradição era um problema insuperável.

Para Maffesoli a concepção econômica do mundo, que designa ao saber um senso utilitário - no âmbito do poder - confinou a arte de pensar, que integra em si uma dimensão estética, à esfera das "belas artes", concebendo-a em um lugar de "mero lazer." (*ibid.* p. 41).

Reconhecendo a dificuldade, devemos observar historicamente experiências que seguiram a contrapelo dessa estrutura, como entre outros, Oswald de Andrade e Mário de Andrade que compartilhavam nas condições do contexto em que viviam, as relações produtivas entre a produção popular e a erudita. A tecnologia no caso de Oswald e cultura popular no caso de Mario, se somavam, portanto, nosso interesse declina para as formas produtivas e não apenas para as estruturas redundantes, alimentadas e limitadas pelas formas de poder que prevalecem no campo acadêmico.

Jesús Martín Barbero, um dos pensadores mais importantes da comunicação contemporânea na América Latina, em seu livro "A comunicação na Educação", aponta para caminhos metodológicos pelos quais concordamos quando fala das oportunidades que a linguagem digital abre para o campo da ciência, permitindo uma linguagem comum de dados, textos, sons, dualismo que até agora "opunha o inteligível ao sensível e ao emocional, a razão à imaginação, a ciência à arte, e também a cultura à técnica, o livro aos meios audiovisuais..." (BARBERO, 2014).

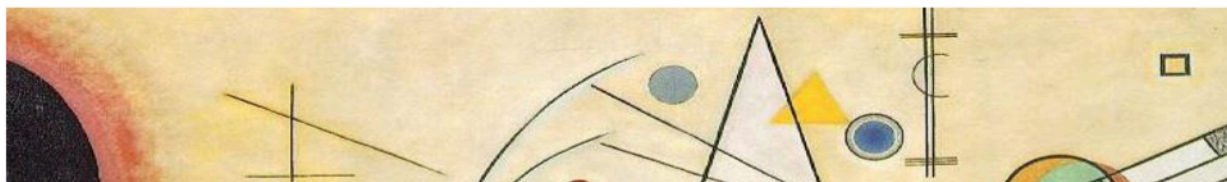


Tomando esta referência como indicativa, entretanto nos preocupa a não observação dos campos de identidade popular e acadêmica, nos quais o compartilhamento de produtos da cultura, não significarão a supressão das diferenças, pelo contrário, o ganho ocorrerá pela ampliação da informação, no alargamento da cultura, que não se dissolve, nem se perde nestas relações, como defendia no antropofagismo, a lógica oswaldiana.

O autor também salienta a relevância da linguagem audiovisual e hipermediática no contexto do ensino e na produção de conhecimento, na perspectiva de uma dimensão estratégica da cultura baseada na tecnicidade midiática em que as instituições de ensino poderão inserir nas novas figuras e campos de experiência em que se processam os intercâmbios entre escrituras tipográficas, audiovisuais e digitais, entre identidades e fluxos, assim como entre movimentos cidadãos e comunidades virtuais.

"Entendo como tal, em primeiro lugar, um projeto que recoloca a ideia de cultura com a qual a escola trabalha em nossos países para que comece a reconhecer as ciências e as tecnologias, tanto como dispositivos de produtividade como de transformação dos modos de perceber, de saber e de sentir. O que implica incorporar as novas tecnologias de comunicação e informação como "tecnologias intelectuais" (Levy, 1993), isto é, como *estratégias de conhecimento* e não como meros instrumentos de ilustração ou difusão [...] essa recuperação passa pelo âmbito político como pelos processos educativos." (BARBERO, 2014, p.55-56)

Ademais, com um olhar otimista sobre as possibilidades do digital na produção de conhecimento, Barbero discute a questão da crise do livro no novo paradigma do conhecimento mediado pelas possibilidades tecnológicas, como um âmbito mais amplo de mudança cultural, que conecta novas condições do saber com as novas formas de sentir, da sensibilidade, e ambas com os novos modos de estar *juntos*. O autor critica o papel central que o livro ocupa na sociedade ocidental, onde não se faz uma reflexão sobre outros modos de saber e outras práticas de produção e transmissão de conhecimento que estão para além da palavra escrita.



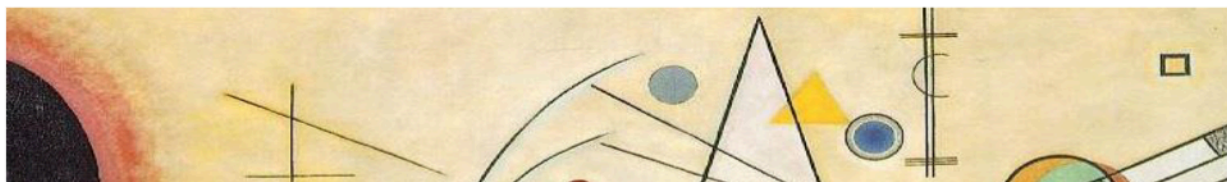
"Com relatos dos movimentos que a crise do livro catalisa, talvez não seja inoportuno começar a recordar que existiram, e continuam existindo, civilizações na Ásia, e na África, civilizações – e não só culturas – em que o livro não teve nunca a centralidade que tem tido na cultura ocidental, o que significa que embora nessas sociedades tenham existido livros, a maioria da população não necessitou nem nunca teve acesso a eles. E não por isso o pensamento, a argumentação e a reflexão estiveram ausentes nessas culturas e sociedades, a propósito das quais alguém se perguntou há tempo: quanta sabedoria tivemos que perder para ganhar em conhecimento? O puro etnocentrismo dos letrados ocidentais, para quem o livro aparece como único caminho da reflexão e do saber na humanidade, necessita de um mínimo de perspectiva histórica e de cosmopolitismo que os tire da miopia que faz com que confundam seu umbigo com o mundo." (*ibid*, p. 58)

Apoiado em Umberto Eco , Barbero afirma que não será a morte ou o fim do livro ou do texto escrito, mas que ele deixará de ser o centro do universo cultural e haverá uma pluralização tanto do modo de existência do texto escrito como de seus usos sociais, que por sua vez, parece implicar que a leitura está perdendo seu foco para desdobrar-se sobre outras escrituras e textos: do videogame ao videoclipe, do grafite ao hipertexto.

"Reivindicar a existência da cultura oral ou da vídeo cultura não significa de modo algum desconhecer a vigência conservada pela cultura letrada, mas tão somente começar a desmontar sua pretensão de ser a única cultura digna desse nome e nossa contemporaneidade." (*ibid*. p. 91)

Para Barbero a forma gramatical que a escrita impõe à fala, reduz e empobrece a riqueza que vem do mundo oral, alerta ainda para o fato da escola ser um espaço que além de não conquistar o adolescente desconhece a cultura oral enquanto matriz constitutiva da cultura viva e da experiência cotidiana dos setores populares, confundindo-se e reduzindo-a, de fato, ao analfabetismo.

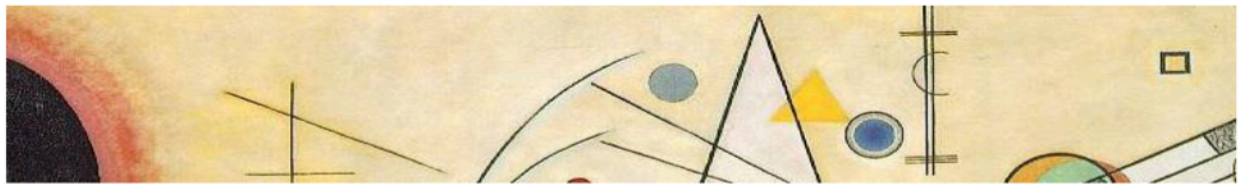
"Cortar o arame farpado dos territórios e disciplinas, dos tempos e discursos, é a condição para compartilhar, e fecundar mutuamente, todos os saberes, da informação, do conhecimento e da experiência das pessoas; e também as culturas com todas as suas linguagens, orais, visuais, sonoras e escritas, analógicas e digitais." (*ibid*. p. 120)



Neste ponto Barbero toca naquilo que estamos discutindo centralmente: a impossibilidade de valorização de saberes diversos no processo de produção de conhecimento restrito ao campo da matriz verbal escrita. Ora pois, o Brasil é um país culturalmente diverso, porém algumas tradições culturais que fazem parte de nosso contexto não podem ser ao menos reconhecidas enquanto *conhecimento*, pois há uma dificuldade metodológica, de viés ideológico, incapaz de valorizar a riqueza de nossa cultura miscigenada.

Em nossa compreensão ética no contexto da produção de conhecimento, o senso de comunidade, junto à valorização das subjacências cotidianas é o que nos conduz a uma possível produção de conhecimento a partir da experiência estética em jogo na hipermídia, lugar em que o conhecimento científico e o saber de qualquer outro contexto não são segregados por muros padronizantes das instituições, pelo contrário, buscamos uma ponte entre instâncias comunitárias de saberes plurais e diversos. Em termos metodológicos, é a valorização da experiência estética, da metáfora e do cotidiano reproduzido em ambientes imersivos, possibilitados por meio da linguagem hipermídia, que reaproxima o senso comum do saber especializado no processo de produção de conhecimento científico.

O pensamento filosófico de Hans-Georg Gadamer compreende os fundamentos da segregação entre *estética* e *pensamento*, *arte* e *ciência*, no âmbito da *produção de conhecimento* científico. Em sua obra "Hermenêutica em Retrospectiva - volume 1" o autor resgata a filosofia de Heidegger para manifestar o problema interpretativo de uma abordagem histórica cientificista e reducionista sobre a tradição da cultura grega que separa a figura do artista da figura do cientista, diferenciando radicalmente manifestações estéticas, ou manifestações do fazer de um artesão, do pensamento investigativo.



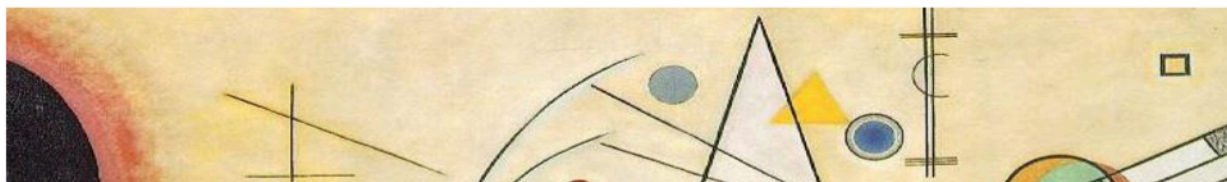
"O que está em questão é muito mais o fato de um modo de pensamento que é distintivo da investigação científica não ser o único e não poder ser o modo de pensamento predominante na administração espiritual da humanidade. Sem dúvida alguma, os gregos também eram uma nação de artesãos de primeiro nível, grandes em inventar, grandes em projetar e grandes em levar a termo. Na terminologia grega, não podemos nem mesmo exprimir a diferença entre o assim chamado artesão e o assim chamado artista livre. Quer denominemos Arquimedes um pesquisador genial, quer um artesão grandioso, trata-se nos dois casos do gênio da *techne*." (GADAMER, 2007 [1995], p. 86)

Ainda na nossa leitura do autor, porém em outra obra, intitulada "Verdade e Método I", podemos ouvir as palavras do filósofo sobre a historicidade que marca a ruptura entre arte e ciência, *experiência estética* e pensamento cartesiano. Gadamer suscita o pensamento de Giambattista Vico e seu apelo ao *senso communis* numa crítica sobre os limites da ciência moderna e a desvalorização da *experiência* como forma de *ser* no *saber*. Como diz Gadamer inspirado em Vico, "*senso comunis* não significa somente aquela capacidade universal que existe em todos os homens, mas também o sentido que institui a comunidade." (*ibid*, p.57)

"O senso comum, portanto, pode ser compreendido como um conjunto de sentidos compartilhados, que permite a todos membros de um grupo humano experimentar um universo simbólico comum. Esta é a condição primeira para que a comunicação aconteça como base dos diálogos práticos da vida social. No meio popular, De Certeau desvendou a alimentação na festa como a metáfora do compartilhar." (BAIRON, 2014)

Novamente na obra "Verdade e Método I", podemos aproximar o conceito e *senso comum* ao ideal da Razão Sensível de Maffesoli, quando Gadamer cita um pietista suábio chamado Friedrich Christoph Oetinger:

"O *sensus communis* está às voltas com coisas simples que os homens veem diante de si cotidianamente, coisas que mantêm unida toda uma sociedade, que dizem respeito tanto a verdades e a enunciados quanto a instituições e formas de compreender os enunciados[...]" (OETINGER, *apud* GADAMER, p. 65).



Há portanto na simplicidade da *vida cotidiana* um *saber* próprio do *senso comum* que está solapado pela cientificidade, que não o inclui em sua agenda justamente pela necessidade de projetar para sua análise "laboratorial" um determinado *objeto*, portanto, por ser *objeto*, não pode ser *sujeito*, como diz Michel De Certeau quando fala sobre a impossibilidade autoral nesta premissa de um cientificismo clássico:

"É necessário que se apaguem as práticas linguísticas cotidianas (e o espaço de suas táticas), para que as práticas científicas sejam exercidas no seu campo próprio. (...) Tal arte fica excluída e os seus autores, lançados para fora do laboratório, não só porque toda cientificidade exige delimitação e simplificação de seus objetos, mas porque a constituição de um lugar científico, condição prévia de qualquer análise, corresponde a necessidade de poder transferir para ali os objetos que se devem estudar." (p. 77).

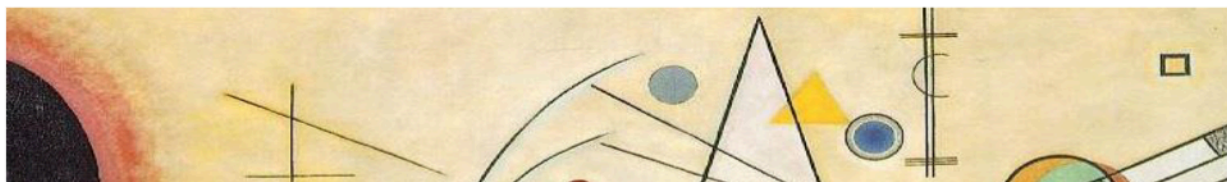
3. Metodologia

3.1 Da Pesquisa com Comunidades Tradicionais do Congado

*Ser tão oral.
O Ser, tão oral!
Sertão oral.
(Sérgio Bairon)*

A equipe de pesquisadores composta pelos professores José Ribeiro da Silva, Sérgio Bairon, e com a colaboração de Vicente Gosciola, a partir experiências anteriores, partiram para Jequitibá, norte do sertão de Minas Gerais, para assim darem início ao processo de pesquisa que resultou na hipermídia "Coroação de Reis Congo", motivados pelas pesquisas que iniciaram em 2003, sobre linguagem hipermídia em antropologia.

A viagem tinha como objetivo compartilhar experiências com a comunidade local de Jequitibá, tendo como mediação do processo de diálogo, a utilização de recursos técnicos como: câmeras audiovisuais; fotográficas; gravadores de som entre outros equipamentos. Assim, o material final registrado a partir dessa interação entre comunidade acadêmica e a



comunidade de Jequitibá, serviria de ponto de partida para o processo de construção da hipermídia. Nas palavras do pesquisador José Ribeiro da Silva,

"O objectivo principal desta pesquisa, desta comunicação (...), é constatar as alterações que os 'novos media' trazem para investigação em antropologia e experimentá-las a partir deste ritual. Partimos de experiências e referências teóricas escassas mas promissoras que ora apontam para o facto de os 'novos media' superarem a desconfiança ou as críticas recorrentes à antropologia visual (Ginsburg, 1999) ora para a abertura de novas propostas, ainda que utópicas, como 'hipercenografia do real' enunciada por Marc Paillet, ou ainda para as práticas que desenvolvemos e questionamos com nossos doutorandos - hiperterreno ou hipermedia no desenvolvimento da pesquisa em antropologia visual. Resulta de um trabalho interdisciplinar e intercultural de aproximação de duas práticas - antropologia visual e hipermedia; de áreas disciplinares - antropologia, comunicação e semiótica e de dois grupos de pesquisa - Laboratório de Antropologia Visual da Universidade Aberta e Núcleo de Pesquisa em Hipermídia da Pontifícia Universidade de São Paulo." (RIBEIRO, 2010, p. 295-296)

Como o próprio autor nos fala em seu artigo "Imagens de congado: uma experiência visual em antropologia" (2010), é bastante recorrente a referência aos Reis Congo em criações artísticas brasileiras: na música, no teatro, no cinema e na literatura. Assim a pesquisa que citamos acima, interliga-se à nossa pesquisa, primeiro: pelo uso que fizemos de gravações sonoras realizadas na pesquisa de campo em Jequitibá; segundo, pela aproximação temática de interesse comum entre as pesquisas, ou seja, produção de conhecimento em hipermídia.

Além das duas ligações citadas, consideramos que as duas pesquisas fazem parte de uma abordagem interdisciplinar que cruza ambas em dois aspectos: um interesse pela relação entre culturas de tradição oral na produção de conhecimento e relações entre oralidade, texto e linguagem hipermídia em criações estéticas com a finalidade de produção ou transmissão de conhecimento.

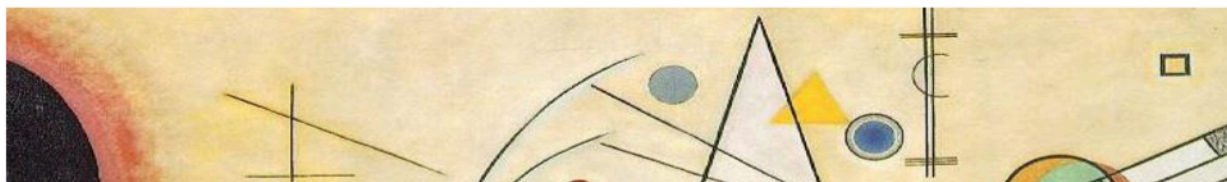


Figura 2 - Composição visual: o cenário busca simular o sertão do norte de Minas Gerais. "Sertão AuOral".



Fonte: RAMOS, 2018

Trechos de áudios gravados dos rituais de Coroações de Reis Congo pelos pesquisadores Sérgio Bairon e José da Silva Ribeiro no interior de Minas Gerais foram inseridos em diferentes pontos do território tridimensional. Ao percorrer o território, o avatar em primeira pessoa inicia uma série de colisões com pontos de escuta espalhados pelo projeto. Alguns trechos do território possuem áreas de convergência entre dois um mais áudios, criando Texturas Sonoras na experiência estética do percurso.



Figura 3 - Visão aérea do território virtual com as linhas laranjas delineando as áreas sonoras "Sertão AuOral".



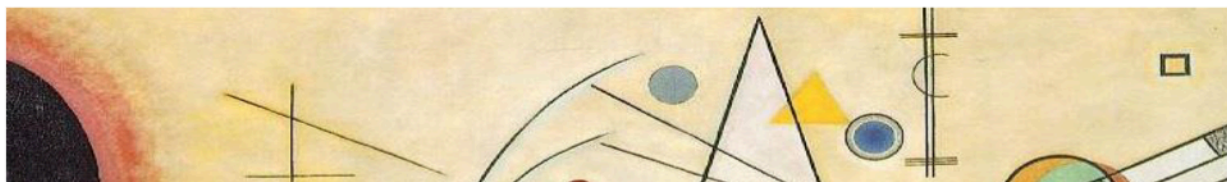
Fonte: RAMOS, 2018

Cada círculo laranja representa uma área audível com um arquivo de áudio diferente. O ponto em branco em um dos círculos representa um dos núcleos centrais dos áudios inseridos. Da mesma forma que visualizamos o mapa com círculos sobrepostos, escutamos os áudios em suas sobreposições.

Figura 4 - Detalhe da área sonora desenhada com círculo laranja. Ponto no centro representa o áudio inserido no território. "Sertão AuOral".

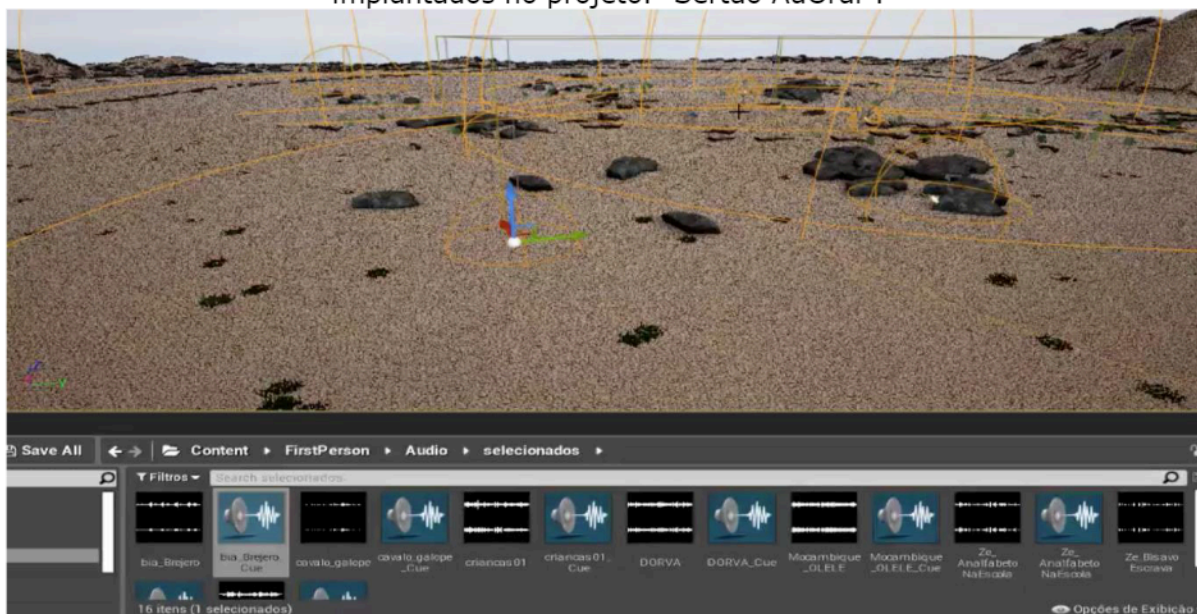


Fonte: RAMOS, 2018



Uma vez que o avatar em primeira pessoa se posicionar dentro do círculo, estará escutando algo. Quanto mais próximo se localizar do ponto em branco, mais intenso será o som e vice-versa.

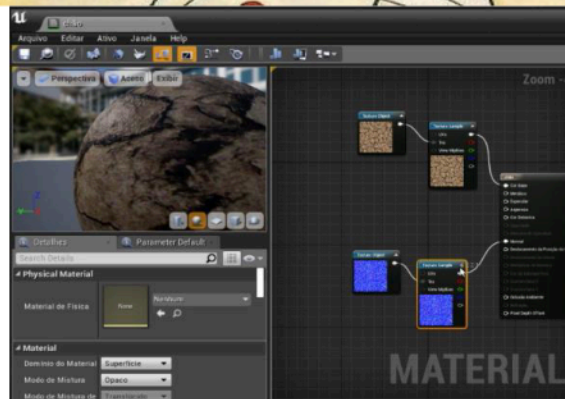
Figura 5 - Detalhe das áreas sensibilizadas por áudios e abaixo os nomes dos arquivos implantados no projeto. "Sertão AuOral".



Fonte: RAMOS, 2018

Figura 6 - Ao lado esquerdo ambiente sem aplicação de texturas visuais e ao lado direito o processo de criação das texturas visuais. "Sertão AuOral".

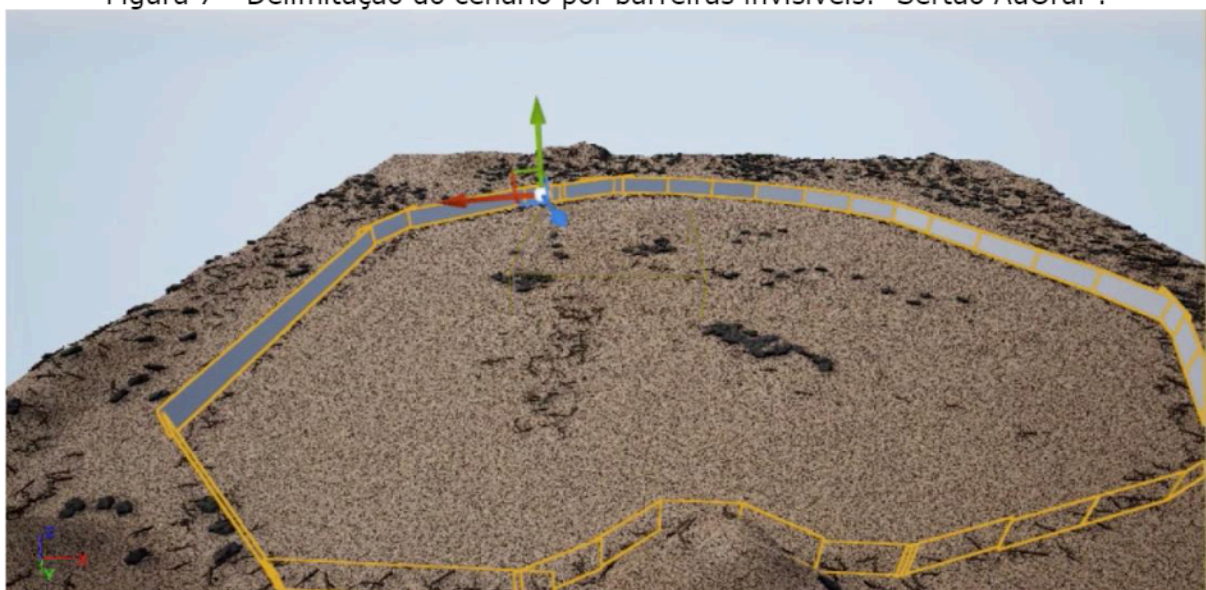




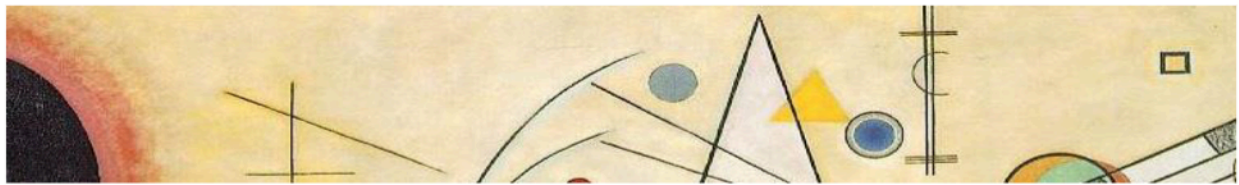
Fonte: RAMOS, 2018

O movimento do caminhar que representa a viagem, o caminho, o percurso, dado em "câmera subjetiva", ou seja, um olhar que caminha sem um avatar visível, para que todo aquele que assistir/jogar com a experiência possa se projetar imersivamente na tela. Uma simulação de um projeto ideal em que o jogador possa direcionar seu olhar para onde quiser e caminhar como desejar numa escuta à deriva, flanando por meio de sons e ruídos no sertão representado em 3D. Portanto, a ideia da experiência é que o jogador vivencie, em sua caminhada pelo cenário virtual, uma experiência visual e sonora, multissensorial.

Figura 7 - Delimitação do cenário por barreiras invisíveis. "Sertão AuOral".

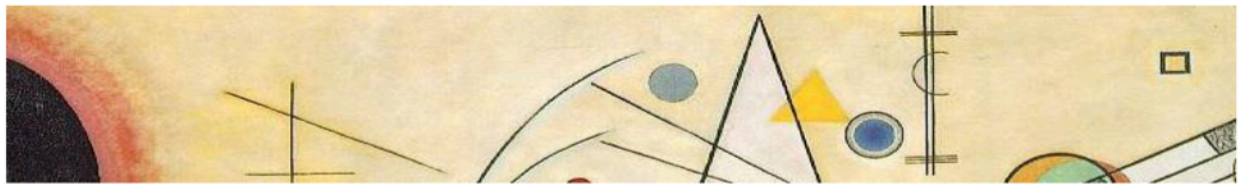


Fonte: RAMOS, 2018



Além da experiência estética como proposta de produção de conhecimento, podemos pensar na proposta como algo que beira a expressividade estética da arte para a troca de conhecimento no âmbito não-formal, como nos ensina a autora de "A educação não-formal no campo das artes" (GOHN, 2017)

Talvez retomar a informalidade do campo das artes dentro da academia possa abrir novas possibilidades na produção de conhecimento científico.



Referências

ANDRADE, Oswald. **Manifesto Antropófago**. In: **Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada em São Paulo** – 1ª e 2ª edições – 1928- 1929. São Paulo: CLY, 1976.

BAIRON, Sérgio. **Texturas Sonoras: áudio na hipermídia**. São Paulo: Hacker, 2005.

_____, Sérgio. **O que é Hipermídia?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2011.
GOHN, Maria da Glória. Educação não formal no campo das artes. [s.l.] : Cortez, 2017. v. 57

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: RJ. Editora Vozes, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Jonathas Beck. **Texturas Sonoras na Produção Partilhada do Conhecimento**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, CAPES, 2016.

RIBEIRO. José. **Tecnologias Digitais e Antropologia** – Hipermídia e Antropologia. II Congresso Online del Observatorio para la CiberSociedad, 2004.